

Programa previa fim da crise no Terceiro Mundo

Pouco meses depois de o presidente do Peru, Alan Garcia, tomar posse em julho de 1985 e anunciar que só iria destinar 10% das exportações anuais de seu país ao pagamento da dívida, o governo Ronald Reagan, através do então secretário do Tesouro, James Baker III, divulgou um plano para solucionar a dívida externa do Terceiro Mundo, em particular dos 15 maiores devedores.

O programa que ficou conhecido como Plano Baker, baseava-se em três premissas: os países endividados promoveriam ajustes em suas economias, com o apoio dos organismos multilaterais de crédito (FMI, Banco Mundial e BID) e os bancos credores renegociariam a dívida, comprometendo-se a fornecer-lhes dinheiro novo para ajudar na retomada para o desenvolvimento.

Nesses quatro anos, os devedores cumpriram sua parte e emergiram em 1989 com índices baixos de desenvolvimento (ou mesmo 0% como no caso do PIB brasileiro). Os acordos de ajustes econômicos com os organismos multilaterais, muitas vezes à custa de problemas domésticos, não foram suficientes para reverter o fluxo de dinheiro para o exterior e a maioria dos endividados chegou ao final da década de 80 com fluxo negativo.

Sangria — Os bancos credores — que se apressaram a fazer provisões para os créditos de seus duvidosos devedores latino-americanos tão logo o Brasil entrou em moratória em 1987, precavendo-se para o futuro — refinanciaram as dívidas, mas o dinheiro novo que liberaram na maioria das vezes não bastou para evitar a sangria das remessas para pagamento dos serviços e o resultado foi a estagnação.

A situação chegou a tal ponto que no final do ano passado o Banco Mundial decretou a falência do Plano Baker, instando os países credores a descobrirem novas fórmulas para aliviar o peso da dívida externa do Terceiro Mundo.